

CIBERTEXTUALIDADES

Publicação da Universidade Fernando Pessoa



TEMA DE CIBERTEXTUALIDADES 06

INTERACÇÃO DE LINGUAGENS E CONVERGÊNCIA DOS MÉDIA NAS POÉTICAS CONTEMPORÂNEAS

ORGANIZAÇÃO DE **JORGE LUIZ ANTONIO** E **DÉBORA SILVA**



EDGARD BRAGA E A ANTEGRAFIA

E. M. de Melo e Castro¹

RESUMO: Em 1971 o poeta Edgard Braga publica pelas Edições Invenção em São Paulo, um pequeno livro chamado *ALGO*, título sintomático de um conjunto de imagens originais que claramente não se poderiam enquadrar até nas mais avançadas categorias conhecidas de poesia visual, mas que eram obviamente alguma coisa que despertava o interesse do sentido da vista. Neste meu artigo apresento a idéia de *antegrafia* segundo a teorização de Almada Negreiros, no livro *VER*, considerando-a como interpretante adequado das imagens prépoéticas do referido livro *ALGO*. Juntam-se algumas dessas imagens originais.

PALAVRAS CHAVE: Poesia Visual; Antegrafia; Metalingüística; Meta-Escrita-Retrospectiva; Abdução.

ABSTRACT: In 1971 the poet Edgard Braga published a small book called *ALGO* [SOMETHING], a symptomatic title for a set of original images that clearly could not fit in even the most advanced known categories of visual poetry, but that obviously constituted something that aroused the interest of our sense of sight. In this article I present the idea of antegrphy according to the theory of Almada Negreiros in his book *VER* [TO SEE], considering it as an adequate interpretant of the pre-poetic images of the book *ALGO*. Some of the original images are included.

KEYWORDS: Visual Poetry; Antegrphy; Metalinguistics; Meta-Writing-Retrospective; Abduction.

¹ Poeta, ensaísta, engenheiro têxtil, ex-Professor no IADE-Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing; na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; na Universidade de São Paulo, Brasil, onde se doutorou em Letras em 1998.

Em 1971 o poeta Edgard Braga publica um pequeno livro chamado *ALGO*, título sintomático de um conjunto de imagens originais a que o Autor chamou genericamente de *Tatoemas*, mas que claramente não se podem enquadrar até nas mais avançadas categorias conhecidas de poesia visual, sendo alguma coisa, isto é *ALGO*, que obviamente surpreende, despertando o interesse do sentido da vista.

Recentemente, em 2013, Beatriz Amaral publica pelo Ateliê Editorial, o ensaio “A Transmutação Metalinguística na poética de Edgar Braga”, no qual verificamos que estes dois conceitos teóricos se entrelaçam de vários modos na poesia deste autor.

Quanto ao aspeto metalinguístico ele aparece-nos surpreendentemente nas imagens de *ALGO*, que não são propriamente uma escrita nem alfabética, nem hieroglífica ou ideogrâmica, mas sim, um possível movimento inesperado de regresso às origens da escrita e da invenção se considerarmos, como dizia o poeta-pintor português Almada Negreiros, que *“tudo o que é importante nasce sempre muito antes. É a presença atual da “antegrafia” que, a palavra o diz, é anterior a toda a grafia. Assim mesmo a sua linguagem perpetua-se enquanto vão nascendo e morrendo os idiomas”*.

E, prossegue :

“Tens na antegrafia indubitavelmente os mais remotos documentos da antiguidade: a primeira firma do Homem. Se não são cronologicamente os mais remotos, os que temos à vista são iguais aos primeiros, pois a humanidade faz sempre o seu recomeço precisamente quando o instinto

de conhecimento deixou de ser direto entre cada pessoa e o universo.

Neste momento do mundo a humanidade perdeu novamente o seu instinto de conhecimento direto. Tudo quanto conhece é lido, tudo quanto vê é visto; por conseguinte este conhecimento não é seu, já foi. É evidente que voltamos hoje, de novo, ao recomeço. Em vez de recomeço estaria aqui em seu legítimo lugar a palavra revolução no seu significado latino revolare: dar de novo a volta, fazer de novo o vôo. Estas revoluções têm no tempo a sua medida periódica com uma constância precisa: são bimilenárias... de hoje a Cristo vai fazer dois mil anos ...de Cristo a Creta (que fez nascer a Grécia) outro bimilénio... este é o bimilénio que antecedeu o actual o qual por sua vez, retrospectivamente, deu lugar a outro bimilénio e a outro e a outro, recomeçando de cada vez tudo de novo...”

Assim, ao vermos as imagens de *ALGO* e não as conseguindo ler com o conhecimento atual da escrita, poderemos considerar, à luz da antegrafia, como uma proposta de meta-escrita-retrospectiva que nos antecipa a invenção de novos métodos de pensar, escrever e comunicar.

Se considerarmos que, segundo Peirce, o signo é o que está em vez doutro signo, e que a “abdução” é o mais alto nível de complexidade inventiva, creio que podemos dizer que a “transmutação” será todo o trabalho subterrâneo (ou subliminar ?) que está implicado na percepção específica, resultando na escrita da poesia. Ou seja, a colocação de signos sobre signos até se atingir um nível superior de significação, “abdução” e por isso inesperado, ou seja poético !

Estamos assim, perante uma manifestação abdutiva que nos conduz ao recomeço daquilo a que chamaremos ainda de cultura? É que também, considerando, como Beatriz Amaral diz, que a poesia de Edgard Braga é predominantemente analógica, não será o seu aspecto antegráfico, que certamente não é analógico, uma premonição (contraditória) do impacto atual dos processos digitais que tendem a prevalecer no agora, e por isso, no futuro da invenção e da comunicação?

E não deveremos esquecer que segundo Peirce, a abdução pressupõe a introdução de uma novidade que contribui para aumentar a inteligibilidade do mundo, sendo original como expressão da própria subjectividade e tendo

um valor explicativo. Peirce também considera que a descoberta criativa não é fruto nem do acaso nem da alguma causalidade, nem é um fenômeno devido a fatores psicológicos, porque existe nela uma lógica própria. Há uma doutrina puramente lógica de como a descoberta pode ter lugar. Há uma lógica no processo criativo, embora seja uma lógica que só podemos entender depois, quando submetemos à análise o que sucedeu de maneira espontânea e um tanto misteriosa. Essa lógica não é dedutiva, mas sim, abdutiva... A dedução não é a lógica da liberdade nem da possibilidade, como é a lógica abdutiva. Para podermos avançar no conhecimento da realidade, para termos algo novo, necessitamos da liberdade e da abdução.

Diremos então: necessitamos da poesia!

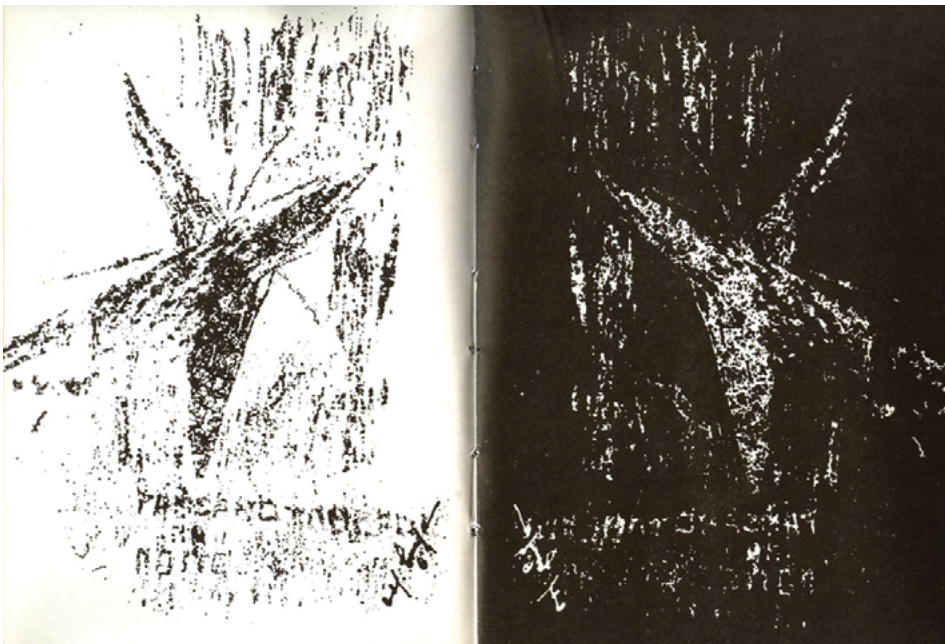


Figura 1: Edgard Braga, *Algo*, 1971

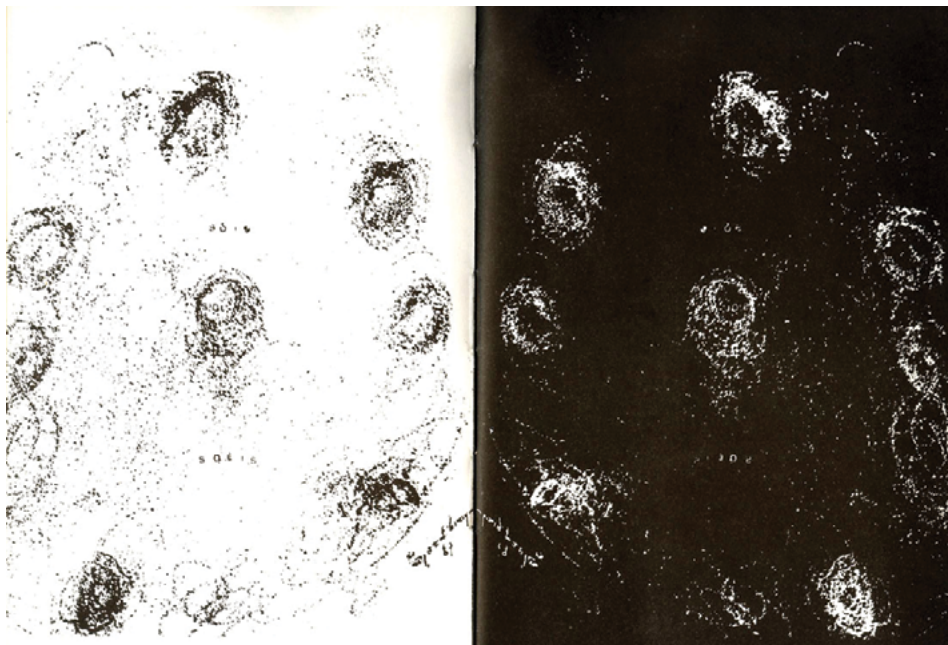


Figura 2: Edgard Braga, *Algo*, 1971

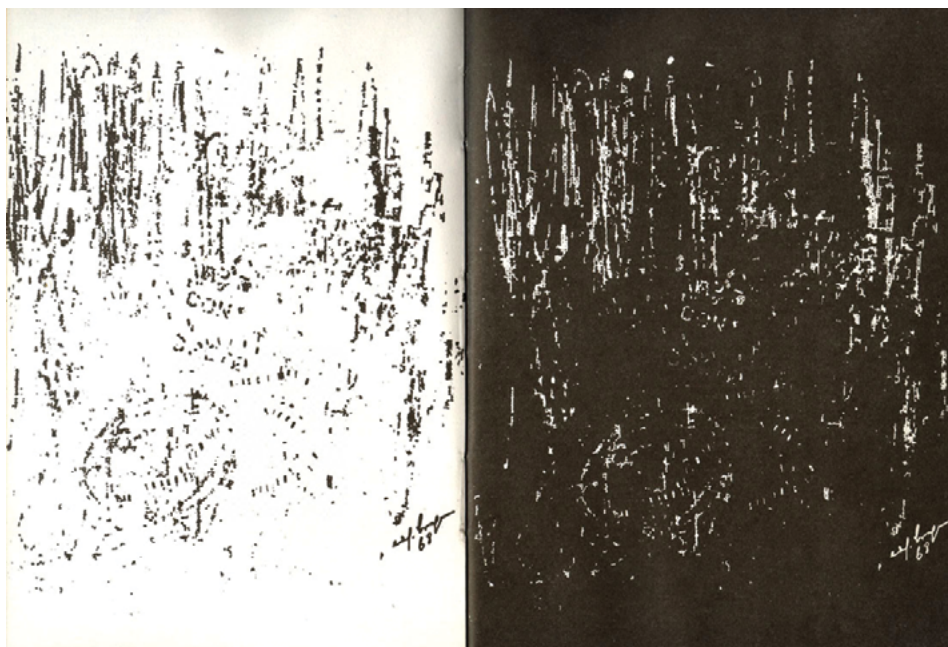


Figura 3: Edgard Braga, *Algo*, 1971

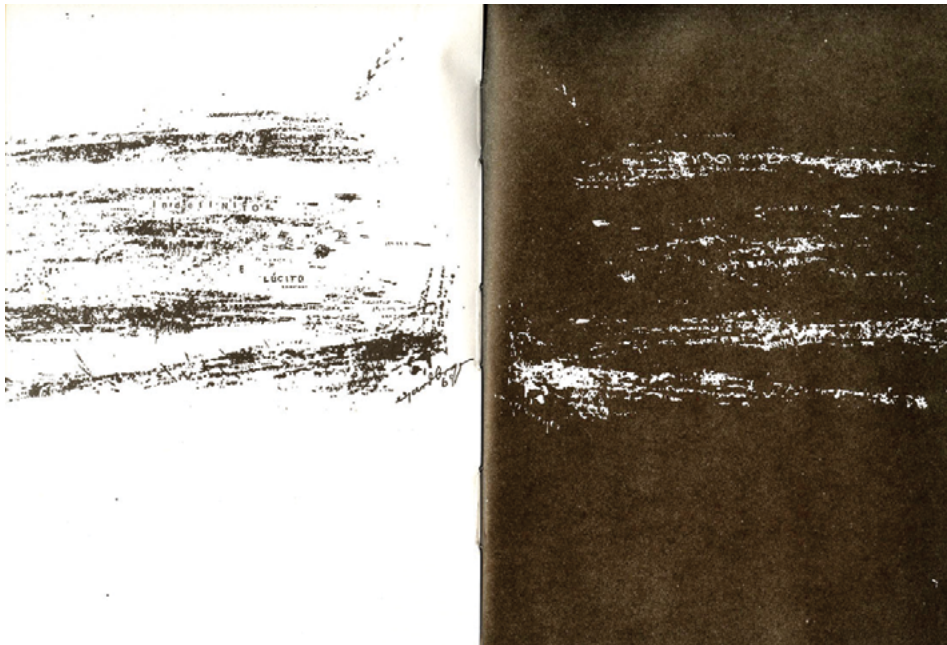


Figura 4: Edgard Braga, *Algo*, 1971

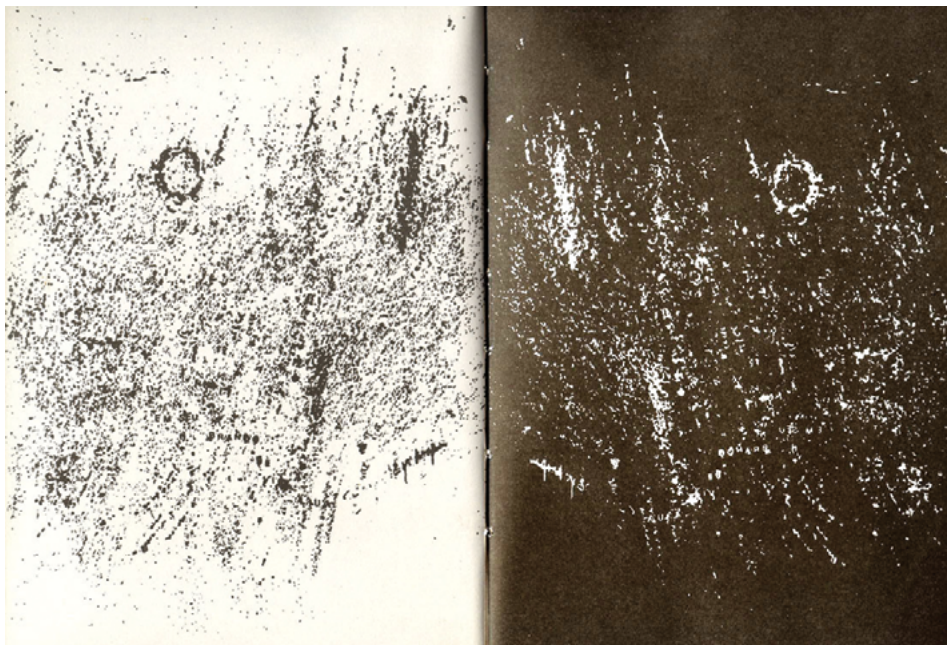


Figura 5: Edgard Braga, *Algo*, 1971

BIBLIOGRAFIA

Amaral, B. (2013). *A transmutação Metalinguística na poética de Edgard Braga*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Barrena, S. (2006). *La Creatividad em Charles S. Peirce*. In: Revista Anthropos, 212. Barcelona.

Braga, E. (1971). *Algo*. São Paulo: Edições Invenção.

Negreiros, A. (1982). *Ver*. Lisboa: Ed. Arcádia.

ISSN 1646-4435



9 771646 443001 >